

“Foi um duelo mesmo. De titãs!”: notas de uma pesquisa nas salas de aula polarizadas

“It was truly a duel. Of titans!”: Notes from a research of polarized classrooms

LUCIANA LAMBLET

Faculdade Unyleya

Resumo: Ao longo de dois anos, mais de trinta profissionais do campo da educação foram entrevistados e relataram suas experiências em sala de aula durante um período conturbado da história recente do Brasil: os anos entre 2014 e 2022. Ouvi-los atentamente contribuiu para a compreensão da conjuntura nacional marcada por polarização, negacionismos, censuras e perseguições. A forma como estes elementos adentraram as salas de aula públicas e privadas do estado do Rio de Janeiro dialoga com o avanço e os métodos utilizados nos aparelhos privados de hegemonia pelos movimentos de extrema direita. Estes conquistaram largo espaço no cenário brasileiro, impactando diretamente o cotidiano escolar. Contudo, acima de tudo, o conhecimento desses relatos é fundamental para pensar estratégias pedagógicas voltadas ao fortalecimento dos valores democráticos e republicanos. Ao compartilharem suas vivências, os professores também anunciaram suas resistências e reafirmaram a sala de aula como um espaço de defesa da democracia e dos direitos humanos.

Palavras-chave: Relato de Experiência. Entrevistas. Polarização. Autoritarismo.

Abstract: Throughout two years, more than thirty education professionals were interviewed and shared their classroom experiences during a particularly tumultuous period in Brazil’s recent history: from 2014 to 2022. Attentively listening to their testimonies provided deeper insights to understand the national context marked by polarization, denialism, censorship, and persecution. The ways in which these elements permeated both public and private classrooms in the state of Rio de Janeiro intersect with the advancements and methods enforced by far-right movements through private apparatuses of hegemony. These movements gained significant ground in the Brazilian political scenario, directly impacting the school environment. Above all, understanding these narratives is fundamental for developing pedagogical strategies to strengthen democratic and republican values. By sharing their experiences, teachers also expressed their forms of resistance and reaffirmed the classroom as a space for defending democracy and human rights.

Keywords: Experience Report. Interviews. Polarization. Authoritarianism.

1 INTRODUÇÃO

Durante a última década, o Brasil e o mundo assistiram ao avanço de movimentos, discursos e governos de direita e extrema-direita que ganharam corações e mentes, conquistaram esferas de poder e ocuparam aparelhos privados de hegemonia. Fantasmas que acreditávamos já terem sido exorcizados reapareceram, angariando simpatias e votos. Não cabe neste relato discutir as origens deste processo, que são complexas e abarcam diversas dimensões das dinâmicas políticas, culturais e econômicas.¹ O objetivo aqui é compartilhar a experiência de uma pesquisa surgida a partir das inquietações advindas deste cenário.

As estratégias instrumentalizadas pelos grupos de extrema direita² foram múltiplas. Como todo movimento de caráter autoritário, ocupar, silenciar e rebaixar a cultura e a educação são imperativos, pois estes espaços estão intrinsecamente ligados à crítica e à reflexão — elementos repudiados pelos autoritarismos. Nesse sentido, líderes políticos, influenciadores e intelectuais da extrema-direita lançaram uma campanha de ataque à educação e aos seus agentes. Artistas e professores foram relegados ao lugar de inimigos da nação.

No caso aqui trabalhado, focaremos nos professores. Durante décadas, afirmou-se que a educação seria a solução para os problemas do país e que os docentes seriam "heróis". Tais discursos, por vezes, cobrem com um véu a complexidade das relações sociais, oferecendo uma visão romântica da escola que a retira de seu lugar dialético, como produto

¹ - Um trabalho mais extenso a partir da pesquisa aqui apresentada está sendo construído com maior fôlego e profundidade. Espero apresentá-lo no ano de 2026. Nele, as entrevistas aqui citadas serão discutidas e analisadas, relacionando-as à conjuntura nacional e à bibliografia pertinente.

² - O termo possibilita amplos debates em sua conceituação, o que não cabe no escopo deste relato. Por ora, utilizaremos definições apresentadas pelos pesquisadores David Magalhães e Odilon Caldeira Nato: "A extrema-direita rejeita a essência da democracia, isto é, a ideia de soberania popular e a regra majoritária (volunté general). O exemplo mais emblemático da extrema-direita é o fascismo. A direita radical, por sua vez, aceita a essência da democracia, mas se opõe aos elementos liberais da democracia, isto é, o direito de minorias, a separação de poderes e o Estado de Direito. Ambos os subgrupos se opõem ao consenso liberal-democrata do pós-Segunda Guerra, mas de maneiras fundamentalmente distintas. Enquanto a extrema-direita é revolucionária (quer a ruptura radical e violenta com a ordem social vigente para resgatar um passado idealizado), a direita radical é reformista." Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/173/as-vias-de-transnacionalizacao-da-ultradireita-brasileira> , último acesso em 18/12/2025.

e produtora da realidade material. Contudo, a questão central é que a escola transitou do lugar de "salvadora da pátria" para o de "inimiga da nação".

Em poucos anos, os professores viram a sala de aula tornar-se um suposto perigo para os filhos dos "cidadãos de bem". De educadores, passaram a ser vistos como "doutrinadores", partícipes de uma suposta articulação globalista. Alunos foram incentivados a enfrentar e "corrigir" seus professores. Aulas foram gravadas e divulgadas sem autorização, resultando em perseguições, cancelamentos e demissões.

A partir deste contexto, desenvolvi uma pesquisa para colher e analisar relatos de profissionais da educação básica (anos finais do ensino fundamental e ensino médio). Através de entrevistas abertas, a ideia foi compreender como a polarização política, os discursos de ódio e a criminalização docente foram sentidos por esses profissionais, e quais estratégias utilizaram diante desses desafios.

2 DESCRIÇÃO DA EXPERIÊNCIA OU PRÁTICA

A pesquisa se concentrou em duas vertentes: leitura de extensa bibliografia sobre o contexto brasileiro entre 2014 e 2022; e entrevista com profissionais de educação. É sobre este segundo ponto que me deterei aqui.

As entrevistas foram divididas em quatro partes:

Parte 1)

Num primeiro momento, solicitava que o profissional relatasse sua trajetória, desde a formação acadêmica até as experiências mais recentes. Este procedimento fornecia elementos fundamentais, como o tempo de regência de classe e os diferentes espaços de atuação — abarcando as redes pública e privada, zonas rurais ou urbanas, e os níveis fundamental e médio. Além da coleta de dados, esta etapa funcionava como uma aproximação entre entrevistadora e entrevistado, amenizando o desconforto que muitos sentem diante do gravador ou da câmera.

Esta é uma metodologia que adoto sistematicamente: nunca iniciar diretamente pela pergunta central. Opto por questões abertas apoiadas na história pessoal, o que gera três resultados determinantes para o processo: o estabelecimento de um vínculo, o "relaxamento" do interlocutor e o "esquecimento" da formalidade da situação de entrevista.

O grupo de profissionais participantes reflete uma diversidade significativa. Integram a amostra desde docentes com mais de quarenta anos de magistério até aqueles que iniciaram a carreira há menos de uma década. O espectro acadêmico também é amplo, incluindo desde recém-licenciados até pesquisadores com pós-doutorado e experiência no ensino superior. Geograficamente e socialmente, a pesquisa buscou contemplar homens, mulheres, pessoas brancas e negras, oriundas da capital, do interior e de cidades de variados portes, garantindo a pluralidade necessária para a análise da conjuntura fluminense.

Parte 2)

Em seguida, questionava-se em que momento o profissional sentiu que algo estava mudando no espaço escolar. O interesse aqui residia em perceber a escalada da violência: quando e como ela se manifestou nas salas de aula. De forma geral, os docentes começam a notar essa intensificação a partir do processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. Contudo, alguns relataram episódios esparsos desde 2013, com as chamadas "Jornadas de Junho". A bibliografia especializada também aponta esses dois marcadores como fundamentais para compreendermos a construção do ódio e da polarização no discurso político nacional.

Nas manifestações de junho de 2013, tornaram-se visíveis movimentos que já estavam articulados em redes sociais e institutos liberais. No ano seguinte, nas eleições presidenciais, o retrato da polarização delineou-se em oposições como "coxinha" versus "mortadela". Alguns professores sinalizaram que, inicialmente, essa rivalidade aparecia em tom de brincadeira, com certa leveza e jocosidade, sem ultrapassar os limites do respeito. Todavia, com o processo de impeachment, essa dinâmica foi profundamente alterada. Uma das professoras relatou que, no dia seguinte à votação no Congresso, ouviu crianças de apenas quatro anos entoarem cânticos de teor político hostil durante o recreio.

Esses marcadores são determinantes porque demonstram como a escola se apresenta como um espaço de disputa e de construção de imaginários e representações. Crianças e adolescentes trouxeram do ambiente doméstico os ódios, tensões e polarizações, canalizando-os no ambiente escolar e na figura dos professores, reproduzindo comportamentos violentos e intolerantes que refletiam a fratura social do país.

Parte 3) A partir dos relatos, busquei compreender como os profissionais se sentiram e como conduziram as crises. Este era o ponto determinante da entrevista, pois permitia coletar exemplos concretos de como a polarização e o ódio adentraram os espaços escolares. A narrativa frequentemente tomava um rumo delicado, com recordações de violência, ameaças e desvalorização. Abaixo, sistematizo as cinco categorias de conflito mais recorrentes identificadas nos mais de cem casos relatados:

A) Tensões com as famílias: A autoridade familiar, embora fundante, passou a invadir o espaço escolar para contrapor-se à autoridade pedagógica. De forma direta, famílias tentaram pautar conteúdos e metodologias; de forma indireta, discentes passaram a confrontar o saber científico com o "saber doméstico" ("meu pai disse que não foi assim", "meu avô diz que a ditadura foi boa"). Esse movimento desautoriza o conhecimento do professor e o coloca em um palco de disputa com verdades absolutas trazidas de casa.

B) Tensões de caráter religioso: O fundamentalismo religioso manifestou-se tanto na recusa em debater temas como o aborto, quanto na intolerância com religiões de matriz africana. Um dos casos mais emblemáticos foi o de uma docente que precisou prestar contas ao pastor de uma aluna sobre o tema de uma redação. A sacralidade do discurso religioso impede o debate crítico e impõe barreiras ao currículo científico.

C) Censura e autocensura: Muitos professores sofreram censura direta de gestores (como a proibição do termo "ditadura militar" em favor de "regime"). Contudo, a autocensura foi a violência mais relatada. Viver em constante vigilância levou docentes a abandonarem projetos antigos e a escolherem cada palavra minuciosamente para evitar retaliações. Todos os entrevistados admitiram praticar algum tipo de autocensura por medo.

D) Relação com os colegas de trabalho: Um fato que chama a atenção é a solidão. Quase todos os docentes sentiram-se sozinhos no enfrentamento às tensões, revelando uma fragmentação da categoria. Além disso, a polarização adentrou a sala dos professores, tornando o ambiente insalubre. Houve relatos de violência patrimonial, como um armário danificado por outro colega devido a posicionamentos políticos.

E) Saúde mental: A conjuntura de perseguição levou quatro entrevistados a abandonarem definitivamente a sala de aula. A sensação de ser o "inimigo da nação" resultou em exaustão física e mental, com diversos relatos de uso de medicação psiquiátrica. Palavras como "cansaço", "tristeza" e "impotência" foram constantes, e cinco profissionais chegaram a chorar durante o depoimento ao reviverem essas violências.

Parte 4) Por fim, encerrava as entrevistas com a seguinte pergunta: o que podemos fazer no chão da sala de aula para resgatarmos os valores democráticos, republicanos e dos direitos humanos?

Alguns professores apontaram as estratégias que utilizaram em sala de aula como forma de resistência e de defesa da escola enquanto espaço democrático, crítico e reflexivo. Apenas dois disseram que não acreditavam mais nessa possibilidade, sob o argumento de que a escola não teria espaço suficiente para se contrapor às forças do autoritarismo.

Um dos objetivos do trabalho de análise das fontes, atualmente em andamento, é compartilhar tais práticas pedagógicas para ampliar o diálogo e abrir caminhos para os profissionais em sala que ainda acreditam na educação como instrumento de defesa da democracia.

3 RESULTADOS E REFLEXÕES

Theodor Adorno, em seu clássico ensaio *Educação após Auschwitz* (2024), afirmou que:

A exigência que Auschwitz não se repita é a primeira de todas para a educação. De tal modo ela precede quaisquer outras que creio não ser nem possível nem necessário, justificá-la. (...). Mas a pouca consciência existente em relação a essa exigência e as questões que ela levanta provam que a monstruosidade não calou fundo nas pessoas, sintoma da persistência e de inconsciência das pessoas. Qualquer debate acerca de metas educacionais carece de significado e importância frente a essa meta: que Auschwitz não se repita. (p. 119)

Entrevistar os profissionais de educação do estado do Rio de Janeiro sobre suas experiências diante do ódio e da polarização política me fez retomar o ensaio de Theodor Adorno, lido originalmente durante minha graduação em História. Naquela época, termos como Auschwitz, autoritarismos e polarização pareciam elementos distantes. Hoje, ao revisitar essa obra, percebo a precisão de Adorno ao estabelecer que o objetivo primordial da educação deve ser, impreterivelmente, **"que Auschwitz não se repita"**.

A democracia, a cidadania, as liberdades e os direitos humanos demandam vigilância constante. Tais valores necessitam ser reafirmados, retrabalhados e ressignificados para impedir o retrocesso à barbárie. As entrevistas revelaram que, quando os discursos autoritários e intolerantes adentraram as salas de aula, os docentes, embora munidos de coragem e inteligência, não estavam devidamente preparados ou organizados para o

enfrentamento coletivo. O custo emocional e profissional dessa resistência solitária foi elevado, resultando em sofrimento demasiado.

A construção cotidiana de uma sala de aula contra a barbárie deve ser um compromisso imperativo. É necessário retomar as reflexões de Adorno e transformá-las no pilar central de nosso projeto político-pedagógico, assegurando que a escola atue como o principal baluarte contra o autoritarismo e em defesa da dignidade humana.

4 CONCLUSÕES

Como exposto anteriormente, as análises e conclusões desta pesquisa aparecerão em outro trabalho. Aqui, a ideia foi compartilhar a experiência de pesquisa, especialmente com alunos de graduação, na tentativa de apresentar possibilidades de futuras investigações e de incentivar os graduandos no engajamento da produção científica.

Por ora, é fundamental apontar a necessidade de construirmos estratégias para garantir o pleno exercício da democracia e da liberdade de cátedra nas salas de aula brasileiras. Pesquisas, políticas públicas e legislação precisam caminhar juntas e serem efetivas no combate ao cerceamento da autonomia e da liberdade de ensino.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Educação após Auschwitz. In: ADORNO, Theodor W. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2024.

BIGNOTTO, N.; LAGO, M.; STARLING, H. **Linguagem da destruição**: a democracia brasileira em crise. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

CALLIGARIS, Contardo. **O grupo e o mal**: estudo sobre a perversão social. São Paulo: Fósforo, 2022.

NUNES, F.; TRAUMMAN, T. **Biografia do abismo**: como a polarização divide famílias, desafia empresas e compromete o futuro do Brasil. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2023.

ROCHA, Camila. **Menos Marx, mais Mises**: o liberalismo e a nova direita no Brasil. São Paulo: Todavia, 2021.

ROCHA, João Cezar de Castro. **Guerra cultural e retórica do ódio**: crônicas de um Brasil pós-político. Goiânia: Editora e Livraria Caminhos, 2021.